

QUEM COM MUITAS
PEDRAS BOLE. . .

“Nestas linhas, para cuja elaboração tenho um prazo limitadíssimo, escritas sem notas, ao sabor da memória — e a minha memória é péssima — ocorrem fatalmente muitas lacunas e esquecimentos. Creio, porém, ainda assim, que com elas varro a testada da minha terra, a quem um notório escritor patricio, em palestra em São Paulo negou todas as condições de vida intelectual”.

Era com essas palavras finais que Antônio Sales selava o seu artigo que lhe fora encomendado, com urgência, pelo O País e subordinado ao tema Pelo Ceará Intelectual. Esquecera nomes e sabia que essas lacunas lhe seriam fatais. E que lhe causariam aborrecimentos. Tinha certeza que o *“notório escritor patricio”*, o Gustavo Barroso, não o perdoaria certamente.

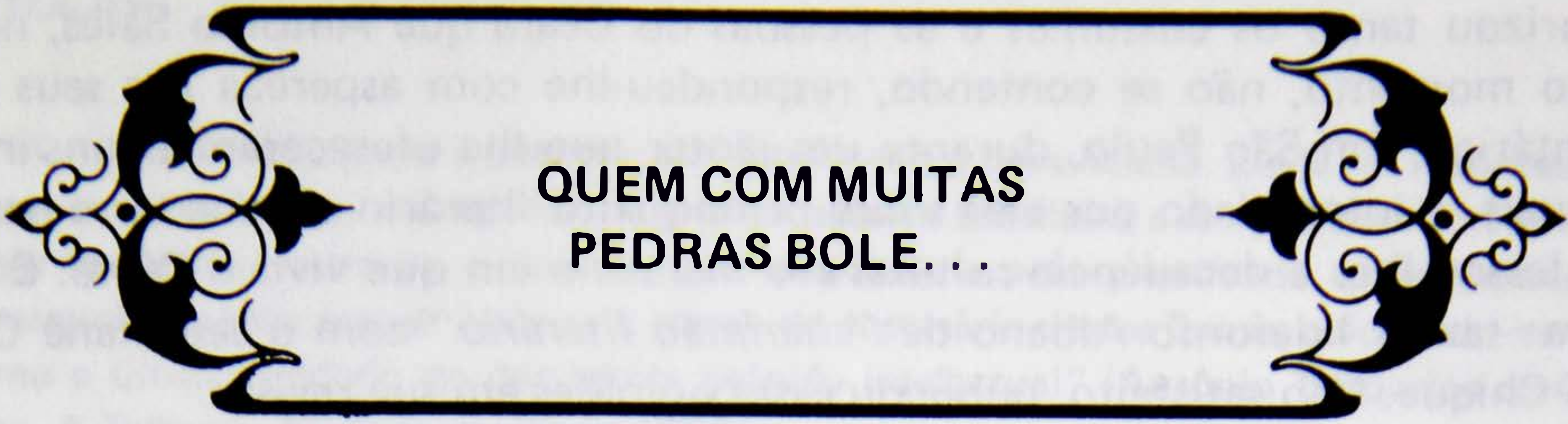
E não deu outra coisa. O Brumel de Copacabana, num tópico de sua revista Fon Fon censurava o ter Antônio Sales omitido, naquela crônica, nomes muito mais importantes da literatura cearense e incluído, no entanto, *“as mais inexpressivas nulidades do grande estado nordestino”*.

Claro que o ofendido reagiu àqueles termos impertinentes, tentando justificar-se da melhor maneira que podia. Apelou para a memória que já não lhe era tão fiel, para o espaço de tempo reduzidíssimo de que dispunha, dois dias, para a feitura do artigo em celeuma e garantiu que algumas omissões nem todas eram involuntárias. . .

Até o professor e engenheiro Antônio Teodorico da Costa, pelas colunas de um diário desta terra, sem que ninguém soubesse o motivo, declarava que pouco lhe dizia se o seu nome fosse ou não lembrado pelo *“camareiro-mor da literatura”*.

A animosidade entre Antônio Sales e Gustavo Barroso já vinha de longe. E quando Gilberto Câmara procurou defender o autor de Terra de Sol celebrando-lhe a glória, Antônio Sales em sua crônica Resposta a Gilberto Câmara, procurou comprovar sua afirmativa, a de que Gustavo Barroso tinha o costume de injuriar homens e coisas do Ceará. E passou, então, a enumerar alguns episódios por ele vividos.

Um encontro dos dois na Avenida Rio Branco em que o acadêmico ridi-



QUEM COM MUITAS
PEDRAS BOLE. . .

“Nestas linhas, para cuja elaboração tenho um prazo limitadíssimo, escritas sem notas, ao sabor da memória — e a minha memória é péssima — ocorrem fatalmente muitas lacunas e esquecimentos. Creio, porém, ainda assim, que com elas varro a testada da minha terra, a quem um notório escritor patricio, em palestra em São Paulo negou todas as condições de vida intelectual”.

Era com essas palavras finais que Antônio Sales selava o seu artigo que lhe fora encomendado, com urgência, pelo O País e subordinado ao tema Pelo Ceará Intelectual. Esquecera nomes e sabia que essas lacunas lhe seriam fatais. E que lhe causariam aborrecimentos. Tinha certeza que o *“notório escritor patricio”*, o Gustavo Barroso, não o perdoaria certamente.

E não deu outra coisa. O Brumel de Copacabana, num tópico de sua revista Fon Fon censurava o ter Antônio Sales omitido, naquela crônica, nomes muito mais importantes da literatura cearense e incluído, no entanto, *“as mais inexpressivas nulidades do grande estado nordestino”*.

Claro que o ofendido reagiu àqueles termos impertinentes, tentando justificar-se da melhor maneira que podia. Apelou para a memória que já não lhe era tão fiel, para o espaço de tempo reduzidíssimo de que dispunha, dois dias, para a feitura do artigo em celeuma e garantiu que algumas omissões nem todas eram involuntárias. . .

Até o professor e engenheiro Antônio Teodorico da Costa, pelas colunas de um diário desta terra, sem que ninguém soubesse o motivo, declarava que pouco lhe dizia se o seu nome fosse ou não lembrado pelo *“camareiro-mor da literatura”*.

A animosidade entre Antônio Sales e Gustavo Barroso já vinha de longe. E quando Gilberto Câmara procurou defender o autor de Terra de Sol celebrando-lhe a glória, Antônio Sales em sua crônica Resposta a Gilberto Câmara, procurou comprovar sua afirmativa, a de que Gustavo Barroso tinha o costume de injuriar homens e coisas do Ceará. E passou, então, a enumerar alguns episódios por ele vividos.

Um encontro dos dois na Avenida Rio Branco em que o acadêmico ridi-

cularizou tanto os costumes e as pessoas do Ceará que Antônio Sales, num dado momento, não se contendo, respondeu-lhe com aspereza aos seus comentários. Em São Paulo, durante um jantar que lhe ofereceram alguns intelectuais, e interpelado por eles sobre o momento literário em sua terra natal, confessou-lhes a decadência cultural e o marasmo em que vivia o Ceará. E foi além: taxou Ildefonso Albano de "charlatão literário" com o seu Mané Chique Chique. Não satisfeito, publicou essas opiniões em sua revista.

Antônio Sales, ao tomar conhecimento dessas insultuosas declarações, fez a defesa de seu estado, pelo O Tacape, editado por Sílvio Júlio, em 1920, assim terminando o artigo: *"Todo este vasto pedaço da pátria brasileira não é mais do que uma toca de toupeiras, tendo por cima a esvoaçar uma águia, que é ele, João do Norte"*.

Nessa altura, as relações entre os dois literatos, já tensas, chegaram ao rompimento final.

Mas não pararam por aí as explicações de Antônio Sales a Gilberto Câmara. Quando Gustavo fez publicar, em 1921, o seu Casa de Maribondos, tinha em mira simplesmente dar o troco às pilhérias que lhe foram assacadas quando nas funções, aos vinte e seis anos de idade, de secretário do Interior e Justiça do seu tio Coronel Benjamin Liberato Barroso, em 1914, então presidente do Ceará. Terminava Antônio Sales, ironicamente, a sua defesa fazendo ver a Gilberto que o ofensor ao declarar que *"as mais inexpressivas nulidades do grande estado nordestino"* haviam sido lembradas, estava, certamente, nelas incluindo o próprio Gilberto que, no Pelo Ceará Intelectual era citado pelo cronista como *"crítico de letras e de artes, espírito combativo e muito bem informado sobre as questões intelectuais do país e do estrangeiro"*.

Ainda no mesmo Fon Fon Gustavo Barroso afirmava que Antônio Sales era, no Rio, completamente desconhecido. Para provar o contrário e avivar a memória do acusador, este fez desfilar no seu artigo Em Defesa, uma série de dedicatórias, cartas e bilhetes a ele dirigidos por destacadas figuras da inteligência nacional tais Machado, Nabuco, Veríssimo, Graça Aranha, Alberto de Oliveira, Coelho Neto, João Ribeiro e Sílvio Romero.

Mas o pior, ou o melhor, ainda estava por acontecer. Antônio Sales estampava a dedicatória de Gustavo Barroso ao oferecer o seu Terra de Sol: *"Ao Sales, pelo muito que lhe quero e admiro, Gustavo"*.

O autor de Minha Terra aproveitou-se do prato feito. E desta maneira fulminou o seu desafeto literário: *"Nesta curta, mas expressiva dedicatória, há um erro de português: o pronome lhe convém ao verbo querer, que está empregado intransitivamente, mas não ao verbo admirar, que é transitivo. Se esta dedicatória nada prova em favor do meu merecimento, prova contudo que o conhecido escritor Gustavo Barroso é pouco conhecedor da gramática portuguesa"*.

Quem com muitas pedras bole. . .

NÓTULAS

- 1 "A minha insuficiência é patente; sou o primeiro a denunciá-la. Ela já foi reconhecida por um poeta que, entregando ao grande público brasileiro a relação dos representantes das letras cearenses, primando pela qualidade e pela quantidade, após um exame minucioso, nem sequer honrou o nome do signatário destas linhas, colocando-me como o último soldado do derradeiro pelotão intelectual" (Antônio Teodorico da Costa, A Tribuna, 17 de fevereiro de 1923).

Antônio Sales sempre se mostrou ligado ao Coelho Neto. Constatava mesmo que durante uma viagem europeia que, coincidentemente, ambos fizeram ao Nordeste, pelo vapor Glória, em fevereiro de 1922 não havia outra pessoa nem filho da mesma região, embarcada pelo fascínio pessoal de Coelho Neto.

O novo ficado escritor pernambuco chegou ao Rio com vinte e dois anos de idade e durante quatro anos passou a integrar a família boêmia. Há raras exceções pontificaram Elias, Augusto Azevedo, Paulo Nery e Luis Murat.

Seu casamento com a cantora e instrumentista Gabi "foi nele dispensar de toda a carga de trabalho e dedicar-se às coisas de trabalho". A família cresceu, sua companhia o obrigaram a que escrevesse febriçadamente, deixando-se por isso um legado cultural que ascende a parte e deu algumas publicações. Uniu-se a Gabi e a raposa pelo estudo e pela vida, a embalar-se com o tempo nos dias, com a esperança de um dia vir a lhe contar a história e com as palavras tanto do público como da crítica e da literatura.

É aqui mesmo no Ceará seria ele violentamente agredido, como Antônio Sales em sua defesa²; daí a carta que lhe mandou o autor de *Condição* em cujo trecho Gabi afirmava, "É francamente, não gosto, se o ataque me surpreender pelo inesperado, atropela-me envolvendo a lhe contar, que não sei se já devia apagar e de que não sei de ora a que se propõe. É um bom dia e, como tal tipo é hoje raro, já agora agoro-me ao que me dá para a fortuna, fazendo-o um amigo e dos bons, que não esqueço que aprecio muito mais. Obrigado e muito obrigado. Pedindo licença para deixar a mão de seu Coelho, seu teu confrade e amigo muito admirador e muito grato".

O lar de Coelho Neto, no bairro das Laranjeiras, frente ao prédio de futebol do Fluminense, era frequentado pela boa sociedade cultural de Rio e Gabi talia como ninguém receber, nos salões, Murat, Elias, Guimarães Passos e Mallet, entre outros.

Tricolor deante, a morte de Emanuel, o Mano, um soldado, seu filho mais velho, e zagueiro do tricolor, aos vinte e quatro anos de idade, a parte